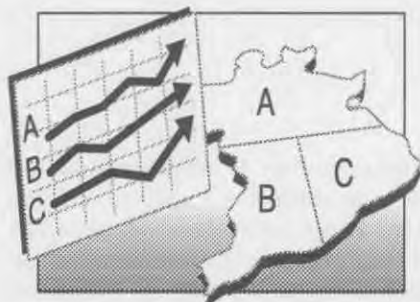


Cenários de Desenvolvimento Regional*

DENISE ANDRADE RODRIGUES**



RESUMO Este artigo organiza as informações sobre as intenções de investir, anunciadas ao longo de 1996, e as propõe como instrumento útil de planejamento. O exemplo desenvolvido trata dos cenários setorial e regional, com ênfase no segundo: a análise das intenções de investir prenunciam modificações importantes no padrão de desenvolvimento regional para os próximos cinco anos em relação ao período precedente. O desenvolvimento dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Bahia e Ceará pode provocar fortes alterações na distribuição da produção e em seus eixos de comercialização. A retomada de investimentos em infra-estrutura darão sustentação ao novo quadro de desenvolvimento regional. O "Polígono Desenvolvido", constituído pela área compreendida pelos municípios de Belo Horizonte–Uberlândia–Londrina/Maringá–Porto Alegre–Florianópolis–São José dos Campos–Belo Horizonte, poderá, neste cenário de fortes investimentos, abranger o prolongamento São Paulo–Rio de Janeiro–Vitória, com desdobramentos para o Nordeste.

ABSTRACT This article organizes informations on investments intentions announced during 1996 and suggest them as very useful planning instrument. The example developed here analyses both sectorial and regional aspects, mainly the regional ones wich preannounces important changes on the Brazilian regional development pattern for the next five years. The economic development of the States of Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Bahia and Ceará can change substantially the geografic distribution of the national production and their commercialization. The investment on infrastructure may guarantee a sustainable regional development. The "Developed Polygon" bounded by the cities of Belo Horizonte–Uberlândia–Londrina/Maringá–Porto Alegre–Florianópolis–São José dos Campos–Belo Horizonte will in this cennary of very high level of investments extend boundaries in order to include São Paulo–Rio de Janeiro–Vitória and maybe Brazil's Northeast.

* Os comentários de Lúcia Goldenstein foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também as contribuições de José Roberto Soeiro, Maria Angela Conrado e Angela Bittencourt. As opiniões aqui expressas refletem o ponto de vista da autora e não o da Instituição.

** Economista da Representação Regional Sul do BNDES.

1. Introdução

Durante todo o ano de 1996 multiplicaram-se as manifestações de empresários, secretários de estado e governadores sobre intenções de investimento para os próximos anos. Este artigo pretende organizar essas informações e apresentá-las de forma a torná-las um instrumento útil de planejamento e de visualização dos cenários regionais para os próximos cinco anos.

A relevância desses dados reside na sua atualidade e abrangência setorial e geográfica, e sua leitura fornece informações interessantes sobre a distribuição da produção nos períodos seguintes à tomada de decisões. Em 1996, o valor total de intenções de investimento para os próximos cinco anos chega a US\$ 107 bilhões, dos quais cerca de 5,7% não têm destinação declarada ou definida e cerca de 22,4% são investimentos que abrangem vários municípios simultaneamente. Os restantes US\$ 77 bilhões atingem 164 municípios em praticamente todos os estados brasileiros.

A análise das decisões de investimento anunciadas prenunciam a possibilidade de modificações importantes no padrão de desenvolvimento regional comparativamente ao padrão definido por Diniz (1995) como "desenvolvimento poligonal"¹ do período precedente, conforme poderá ser visto adiante.

Na década de 70, o Brasil passou por um processo de relativa desconcentração regional em direção a quase todos os estados, porém com o fim do ciclo de crescimento ocorreu uma reversão em torno de um polígono, onde alguns pólos de desenvolvimento, próximos a São Paulo, capturaram a maior parte das atividades econômicas. Vários elementos contribuíram para esta reversão, entre eles a crise da década de 80, a reconcentração das atividades em setores tecnologicamente mais desenvolvidos, a redução dos investimentos estatais diretos em infra-estrutura, a pequena dimensão do mercado interno e o arrefecimento da expansão da fronteira agropecuária e mineral. O "Polígono Desenvolvido" era constituído pela área delimitada pelos municípios de Belo Horizonte–Uberlândia–Londrina/Maringá–Porto Alegre–Florianópolis–São José dos Campos–Belo Horizonte.

1 Quando um limitado número de novos pólos de desenvolvimento ou regiões capturam a maior parte das atividades econômicas.

Entretanto, apesar da relevância destes dados, é importante chamar a atenção para sua qualidade. Eles resultam de intenções de investimento declaradas pelas empresas junto a órgãos públicos e à imprensa, ou seja, são anúncios públicos que poderão não se realizar caso ocorram fatos econômicos relevantes. Com uma base de dados semelhante e uma série histórica desde 1989, a consultoria Simonsen & Associados constata forte correlação entre as intenções de investir e a taxa de crescimento do PIB brasileiro e confirma a confiabilidade destas informações pela influência sobre as expectativas que se criam na economia com a sua divulgação pela imprensa.

2. Intenções de Investimento no Brasil Anunciadas durante 1996

Os dados sobre intenções de investimento, coletados junto à imprensa e algumas secretarias estaduais de planejamento, referem-se a intenções expressas, de janeiro a dezembro de 1996, por dirigentes de empresas privadas ou públicas. Alguns dos empreendimentos já estão em curso, enquanto outros têm uma previsão de ocorrência no período 1996/2000. Em termos setoriais, a distribuição destas intenções está apresentada na Tabela 1.

O setor que mais se destaca é, sem dúvida, o de infra-estrutura, cujas intenções de investimento, considerando saneamento, rodovias, ferrovias, logística e energia, chegam a 25% do total. Se adicionarmos o setor de telecomunicações, no qual estão incluídos os investimentos planejados por algumas "teles", este percentual alcança 34% do total.

Muitos dos projetos de investimento em infra-estrutura estão sendo feitos em parceria público-privada, sob a forma de concessões, o que permite a gerência privada e reduz a necessidade de endividamento por parte do setor público. A contrapartida ao alto custo dos investimentos em infra-estrutura e à baixa taxa de retorno estão nos longos prazos das concessões (em alguns casos chegam a 30 anos).

Além de reduzir consideravelmente o custo de produção e comercialização interna de bens e serviços, a melhoria das condições das rodovias, portos e ferrovias diminui as necessidades de aglomeração da produção próxima aos grandes centros consumidores, ao mesmo tempo que possibilita o desenvolvimento das regiões ao longo dos grandes eixos de escoamento da produção.

Estão previstos investimentos nos portos de Rio Grande (RS), Itajaí (SC), São Francisco do Sul (SC), Antonina (PR), Paranaguá (PR), Santos (SP), Sepetiba (RJ), Tubarão (ES), Suape (PE) e Pecém (CE), totalizando US\$ 1,4 bilhão entre investimentos públicos e privados. Foram também anunciados

TABELA 1

Intenções de Investimento da Indústria segundo Setores no Período 1996/2000 Anunciadas em 1996

SETORES	INVESTIMENTOS (US\$ Milhões)	%
Infra-Estrutura	27.097	25,2
Mecânica	12.085	11,3
Telecomunicações	9.851	9,2
Alimentos, Bebidas e Fumo	9.559	8,9
Petroquímica	8.980	8,4
Siderurgia	5.897	5,5
Celulose e Papel	4.067	3,8
Turismo, <i>Shopping</i> e Lazer	4.063	3,8
Eletroeletrônica	3.741	3,5
Metalurgia	3.454	3,2
Serviços	2.917	2,7
Financeiro	2.860	2,7
Mineração	2.721	2,5
Química, Plástica e Fertilizantes	2.385	2,2
Comércio	1.911	1,8
Farmacêutico	762	0,7
Transportes	696	0,6
Têxtil e Confecções	654	0,6
Higiene e Limpeza	644	0,6
Calçados	146	0,1
Agropecuária	117	0,1
Indústria Diversa	2.788	2,6
Total	107.395	100,0

Fontes: Coluna Angela Bittencourt (Broadcast), principais jornais, revistas e secretarias estaduais de planejamento.

US\$ 1,7 bilhão de investimentos em ferrovias e estações intermodais, interligando: os Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Consórcio Sul Atlântico – Malha Sul da RFFSA); o Estado de Santa Catarina (Ferrovia da Integração); a ligação Centro-Oeste com Santos (SP) e Sepetiba (RJ) – Ferronorte; a ligação Centro-Leste (Ferrovia Centro Atlântica); a melhoria e a modernização da Malha Sudeste da RFFSA; a ligação Santos–Campinas (Expresso Ferromar); e a ligação Bauru–Corumbá (Novoeste). Estão previstos também US\$ 6,3 bilhões em rodovias, para reforma e ampliação das ligações Rio de Janeiro–Minas Gerais, São Paulo–Minas Gerais, São Paulo–Rio de Janeiro, São Paulo–Paraná–Santa Catarina, Paraná–Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul–Argentina (Mercovia),

interior do Estado de São Paulo, interior do Estado do Rio de Janeiro e interior do Estado de Santa Catarina. Além disso, investimentos de US\$ 440 milhões em hidrovias (interior de São Paulo e hidrovia dos Tapajós – Mato Grosso e Pará) e US\$ 896 milhões em aeroportos complementam os empreendimentos, objetivando a melhoria e o barateamento do escoamento da produção.

A indústria responde por 54% das intenções de investimento registradas, em torno de US\$ 58 bilhões até o ano 2000 (Tabela 2), e dentre elas destaca-se o setor de mecânica, evidenciado durante todo o ano pela imprensa, tanto pelos volumes envolvidos nas inversões em novas unidades industriais quanto pelas tentativas dos governos estaduais de atrair essas novas unidades para dentro de seus limites geográficos.

Do total de intenções de investir da indústria, identificam-se US\$ 7,7 bilhões em novas montadoras de automóveis e caminhões e US\$ 1,7 bilhão em novas unidades de componentes para a indústria mecânica. Em conjunto, as indústrias metalúrgica e mecânica têm US\$ 15,5 bilhões de investimentos previstos para os próximos cinco anos, sendo que 83% desse total se

TABELA 2

Intenções de Investimento da Indústria no Período 1996/2000 Anunciadas em 1996

(Em %)

INDÚSTRIA	INVESTIMENTO
Mecânica	21,0
Alimentos, Bebidas e Fumo	16,5
Petroquímica	15,6
Siderurgia	10,2
Celulose e Papel	7,1
Eletroeletrônica	6,5
Metalurgia	5,9
Mineração	4,6
Química, Plástica e Fertilizantes	4,1
Farmacêutica	1,3
Têxtil e Confecções	1,1
Higiene e Limpeza	1,1
Calçados	0,2
Indústria Diversa	4,8
Total	100,0

Fontes: Coluna Angela Bittencourt (Broadcast), jornais, revistas e secretarias estaduais de planejamento.

constituem em novas unidades industriais, 16% em expansão de produção das unidades instaladas e 1% em modernização. A indústria de máquinas e equipamentos é a grande ausente nestes dados, seja pelo alto índice de ociosidade que vigorou em 1996 (em média, 34% segundo a Abimaq), seja por deficiências estatísticas que possam ter ocorrido.

Acompanhando a forte movimentação do complexo metal-mecânico, os setores siderúrgico e petroquímico também se preparam para o incremento de demanda. Praticamente todas as siderúrgicas têm planos de expansão e modernização, totalizando 10,2% do investimento total da indústria. A única nova unidade anunciada é a *mini-steel* no Ceará, uma associação da CSN com a Vale do Rio Doce e o Grupo Vicunha, em um novo modelo de siderúrgica.

O setor petroquímico também planeja a expansão das atuais plantas. Excluindo os investimentos previstos da Petrobrás (US\$ 5,2 bilhões), 74% das intenções de investimento do setor tratam da expansão e modernização das atuais plantas e 26% da implantação de novas unidades nos municípios de Cubatão, Paulínea, Pindamonhangaba e Itatiba (SP), Camaçari (BA) e Duque de Caxias (RJ).

O segundo setor que mais se destaca em intenções de investimento é o de produção de alimentos, bebidas e fumo, em grande medida fortalecido pela melhoria no salário real e pelo aumento de massa salarial proporcionados pelo Plano Real. Do total de US\$ 9,6 bilhões, 74% tratam de investimentos em novas unidades industriais, muitas no Nordeste e no Sul.

Também o setor de eletroeletrônica, influenciado pela estabilidade proporcionada pelo Plano Real, planeja investimentos em novas plantas. Mais uma vez, 74% das intenções de investimento envolvem a construção de novas unidades, inclusive em municípios não tradicionais em produção eletroeletrônica, como Ilhéus (BA) e Cabo (PE).

Observa-se também a retomada do investimento pelo setor de papel e celulose: US\$ 4,1 bilhões com a retomada dos projetos da Celmar (MA) e da Veracruz Florestal (BA) e ainda a expansão das empresas Aracruz, Igaras, Klabin e Votorantim Celulose e Papel.

Ainda na indústria, outros setores que sinalizam a retomada de investimento e a superação da crise enfrentada pelo aumento da concorrência internacional devido à abertura da economia são o têxtil, o de confecções e o de calçados. Os investimentos, apesar de totalizarem somente US\$ 800 milhões, refletem uma melhoria em relação ao início de 1996 (começo desta

pesquisa), quando estavam praticamente zeradas as intenções de investimento nestes setores.

O setor de serviços também chama a atenção, juntamente com os setores financeiro e de turismo. *Shopping* e lazer são responsáveis por US\$ 9,8 bilhões, correspondendo a 9,2% das intenções de investimento total nos próximos cinco anos. O subgrupo financeiro tem 100% de suas intenções destinadas à informatização.

O subgrupo de turismo, *shopping* e lazer apresenta novidades em termos nacionais. Ao reconhecerem as potencialidades do país em termos turísticos, os novos hotéis (18% dos investimentos previstos no subgrupo) se distribuem por vários pontos do país. Os novos parques de diversões, temáticos ou não, confirmam municípios com potencial turístico e garantem o prolongamento das estadias nestes. Os 21% das intenções de investimento, no subgrupo turismo, *shopping* e lazer, em empreendimentos antes praticamente inexistentes no país podem alterar os hábitos de lazer em várias capitais.

Os *shopping centers*, que há alguns anos vêm demonstrando grande potencial em termos de geração de emprego e de comercialização em novos pontos, apresentaram cerca de 26% das intenções de investimento no subgrupo, confirmando ainda bastante fôlego para um mercado não saturado, tanto em termos de novos *shoppings* quanto de expansão de alguns já existentes.

A distribuição regional das intenções de investimento da indústria pode ser vista na Tabela 3. A grande novidade alcançada por essa nova fase de investimentos que estamos vislumbrando trata de sua dimensão geográfica e de seus desdobramentos em termos regionais.

TABELA 3

Intenções de Investimento da Indústria segundo Regiões no Período 1996/2000 Anunciadas em 1996

REGIÕES	INVESTIMENTOS (US\$ Milhões)	%
Norte	4.418	5,7
Nordeste	9.232	12,0
Centro-Oeste	2.292	3,0
Sudeste (sem São Paulo)	23.112	30,0
São Paulo	23.681	30,7
Sul	14.388	18,7
Total	77.123	100,0

Fontes: Coluna Angela Bittencourt (Broadcast), jornais, revistas e secretarias estaduais de planejamento.

Na região Norte, as intenções de investimento não alteram as vocações já estabelecidas. Em Manaus, os empreendimentos incluem tanto novas unidades (Multibrás, RCA e Samsung) quanto expansão das já existentes (Equitel, Gradiente, JVC, Panasonic, Sanyo, Semp Toshiba e Honda). Em Rondônia, Pará e Tocantins, 94% dos empreendimentos previstos estão associados à exploração, industrialização e distribuição de recursos naturais (mineração e hidrelétricas).

Do ponto de vista do desenvolvimento regional, não se vislumbra alteração no perfil dos centros mineradores e de Manaus, que continuarão como enclaves exportadores. É verdade, porém, que o Estado do Pará, especialmente a capital Belém e seu entorno, está atraindo empreendimentos industriais como refinaria de óleo de palma (Grupo Real) e fábrica de perfis de alumínio (Soinco).

As intenções de investimento para o Nordeste atingem US\$ 9,2 bilhões e revelam a percepção da região tanto por sua vocação turística (5% do total das intenções de investimento são de empreendimentos de lazer e infraestrutura turística) quanto por seu potencial como mercado consumidor de produtos industrializados. Do total das intenções de investimento no Nordeste, 17% referem-se a empreendimentos associados ao aumento do mercado consumidor, como as indústrias de alimentos, eletroeletrônica e de embalagens.

Na região Centro-Oeste, 69% das intenções de investimento referem-se a empreendimentos de infraestrutura do setor público, especialmente associados à exploração do potencial hidrelétrico existente. Em Goiás, porém, as intenções apontam para uma tentativa de implantação de pólo mecânico, com a construção de fábricas de *pick-up* e caminhões (Mitsubishi), de aviões agrícolas (PZL) e de tratores (Zanella-Vitoy).

A região Sudeste representa 61% das intenções de investimento, com o Estado de São Paulo sendo responsável por metade desse valor. Confirma-se a tendência à interiorização da indústria de forma bastante pulverizada, inclusive disseminando-se por pequenos municípios do estado.

Apesar de Santos, São José dos Campos, Sorocaba e Campinas apresentarem fortes volumes de intenções de investimento, muitas outras cidades têm conseguido atrair novas indústrias ao longo das boas rodovias estaduais. Os empreendimentos catalogados distribuíram-se por 51 municípios do estado, sendo alguns razoavelmente distantes da cidade de São Paulo.

TABELA 4

Intenções de Investimento da Indústria segundo Estados no Período 1996/2000 Anunciadas em 1996

ESTADOS	INVESTIMENTOS (US\$ Milhões)	%
São Paulo	23.681	22,1
Minas Gerais	12.935	12,0
Rio de Janeiro	7.407	6,9
Rio Grande do Sul	5.164	4,8
Paraná	5.119	4,8
Santa Catarina	4.104	3,8
Bahia	3.858	3,6
Pará, Rondônia e Tocantins	3.099	2,9
Espírito Santo	2.770	2,6
Pernambuco	1.948	1,8
Ceará	1.915	1,8
Alagoas, Maranhão, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte	1.510	1,4
Amazonas	1.319	1,2
Mato Grosso e Mato Grosso do Sul	1.231	1,1
Goiás e Distrito Federal	1.061	1,0
Total (sem São Paulo)	50.957	49,8
Vários (Simultâneos)	24.109	22,4
Não-Definidos	8.643	5,7
Total	107.390	100,0

Fontes: Coluna Angela Bittencourt (Broadcast), jornais, revistas e secretarias estaduais de planejamento.

As intenções de investimento em Minas Gerais seguem, com alguma similaridade, a pulverização que ocorre em São Paulo: são 17 os municípios catalogados com investimentos previstos acima de US\$ 5 milhões nos próximos cinco anos. Entre estes, alguns estão distribuídos nos seguintes pólos:

- metal-mecânico: Belo Horizonte, Betim, Contagem, Juiz de Fora e Itajubá;
- siderúrgico: Ouro Branco e Ipatinga;
- alimentício: Poços de Caldas, Sete Lagoas, Uberlândia e Patos de Minas;
- têxtil: Alfenas, Pirapora, Poços de Caldas e Passos;

- minerador: Belo Horizonte e norte do estado; e
- químico e de fertilizantes: Uberaba.

Para o interior de Minas Gerais é possível se esperar, nos próximos anos, um processo semelhante ao desenvolvimento ocorrido em São Paulo nos últimos 10 anos.

O Estado do Rio de Janeiro é um rico exemplo da possibilidade de alteração de um perfil instituído. A criação do pólo mecânico em Resende, com a melhoria das condições da Rodovia Presidente Dutra, e o aparelhamento e a modernização do Porto de Sepetiba vão fortalecer as ligações com São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. São US\$ 7,4 bilhões de investimentos previstos, principalmente nos seguintes pólos:

- metal-mecânico: Rio de Janeiro, Niterói, Resende e Volta Redonda;
- turístico: Angra dos Reis, Rio de Janeiro e Região dos Lagos;
- farmacêutico, higiene e limpeza: Rio de Janeiro; e
- petroquímico: Campos e Duque de Caxias.

A região Sul soma 18,7% das intenções de investimento, totalizando, nos próximos anos, US\$ 14,4 bilhões de investimentos, distribuídos da seguinte forma: 36% no Paraná, 36% no Rio Grande do Sul e 28% em Santa Catarina.

No Paraná, a maior parte dos investimentos concentra-se na Grande Curitiba, destacando-se a instalação de novas unidades de automóveis da Renault, a associação Volkswagen-Audi, a construção de cabines de caminhões da Volvo, a produção de refrigeradores e *freezers* da Electrolux-Prosdocimo e a expansão e modernização da Scania e da Refripar, mantendo o mesmo padrão de desenvolvimento anterior, qual seja, forte concentração em Curitiba e investimentos em escala bem inferiores, mas significativos, em Londrina.

Tal qual no Paraná, 56% das intenções de investimento previstas para o Rio Grande do Sul (US\$ 5,2 bilhões) concentram-se na Grande Porto Alegre (pólo de Triunfo). Desse total, parte expressiva destina-se à expansão das indústrias químicas e petroquímicas. Porém, prevê-se a instalação de uma unidade da General Motors, em local ainda não definido. Também expres-

sivos são os investimentos do setor fumageiro em Santa Cruz do Sul, um dos municípios que mais cresce no Brasil.

No geral, porém, o Rio Grande do Sul não consegue recuperar sua perspectiva de terceiro estado da União em termos de PIB, tal como se vislumbrava no final da década de 70. Além disso, a previsão do baixo investimento em infra-estrutura não permite garantir o sucesso do Mercosul através do estado.

Os investimentos previstos para Santa Catarina, apesar de relativamente modestos, têm algumas características interessantes. A preocupação com a melhoria da infra-estrutura está presente na reformulação das rodovias no interior do estado e na capital Florianópolis, assim como a ligação com o Paraná.

Estão previstos investimentos de US\$ 2,2 bilhões em energia e em ferrovias. Os grupos tradicionais do estado estão investindo em projetos de expansão (Eliane, Igaras, Weg) e diversificação (Portobello), estando ainda previstas uma nova unidade da Cia. de Cimento Rio Branco, a implantação de uma montadora de caminhões tcheca (Skoda) e uma fábrica de componentes da General Motors.

3. As Implicações Municipais

A primeira constatação importante é que a distribuição geográfica dos empreendimentos mencionados na seção anterior pode ocasionar uma alteração profunda na composição do PIB regional. A recuperação do Estado do Rio de Janeiro como pólo de atratividade de atividades industriais e os fortes investimentos em Minas Gerais, nas regiões Sul e Nordeste, além de inibirem os grandes movimentos migratórios para as grandes regiões metropolitanas, levam a outras regiões do país a possibilidade de seu desenvolvimento dentro de um padrão bem distinto daquele observado na formação das grandes metrópoles brasileiras.

Os fortes investimentos em infra-estrutura de transportes, de comunicação e de logística, associados a investimentos em saneamento, podem garantir condições de urbanização em alguns municípios comparáveis aos padrões internacionais.

Comparando as perspectivas de investimentos atuais com um estudo que apresenta dados de 1970/85 sobre as aglomerações industriais relevantes desenvolvido por Diniz e Crocco (ver Tabela 5), observamos que:

a) vários municípios, que experimentaram crescimento modesto no período 1970/85, têm uma perspectiva muito boa de recuperação, como Rio de Janeiro, Santos/Cubatão, Volta Redonda, Juiz de Fora, Ouro Branco, Recife, Campos e Ipatinga, enquanto o município de São Paulo ainda se constitui em uma incógnita, na medida em que não é possível inferir se sua perspectiva de investimentos será suficiente para superar seu processo de esvaziamento;

b) os municípios de Porto Alegre, São José dos Campos, Curitiba, Belo Horizonte, São Jerônimo/Triunfo, Salvador/Camaçari, Sorocaba, Campinas e Fortaleza, que já vinham tendo um crescimento acima da média, apresentam fortes possibilidades de continuar neste ritmo; e

c) os municípios de Vitória, Manaus, Santa Cruz do Sul, Brasília e Natal, que vinham apresentando um aumento muito superior à média brasileira em

TABELA 5

Intenções de Investimento da Indústria no Período 1996/2000 Anunciadas em 1996

A	US\$ MILHÕES	B	US\$ MILHÕES	C	US\$ MILHÕES	D	US\$ MILHÕES
São Paulo (SP)	4.795	Porto Alegre (RS)	1.915	Curitiba (PR)	2.705	Vitória (ES)	1.703
Rio de Janeiro/Niterói (RJ)	2.921	São José dos Campos (SP)	649	Belo Horizonte (MG)	2.371	Manaus (AM)	495
Santos/Cubatão (SP)	1.455	Rio Claro (SP)	120	São Jerônimo/Triunfo (RS)	977	Santa Cruz do Sul (RS)	318
Volta Redonda (RJ)	1.350	Bauru (SP)	112	Salvador/Camaçari (BA)	582	Brasília (DF)	260,3
Juiz de Fora (MG)	750	Pelotas/Rio Grande (RS)	78	Sorocaba (SP)	572	Natal (RN)	235
Ouro Branco (MG)	500	Belém (PA)	68	Campinas (SP)	447	Uberlândia (MG)	81
Recife (PE)	322	Goiânia (GO)	43	Fortaleza (CE)	263	Caxias do Sul (RS)	63
Campos (RJ)	252	Mococa (SP)	20	Ribeirão Preto (SP)	182	Joinville (SC)	45
Ipatinga (MG)	229	Pirassununga/Mogi Mirim (SP)	10	Feira de Santana (BA)	140	Bragança Paulista (SP)	36
Ponta Grossa (PR)	111	Bebedouro (SP)	10	Londrina (PR)	114	São José do Rio Preto (SP)	30
Maceió (AL)	75			Sete Lagoas (MG)	45	Criciúma/Tubarão (SC)	15
Lages (SC)	40			Piracicaba (SP)	30		
				Blumenau (SC)	30		

Fontes: Coluna Angela Bittencourt (Broadcast), principais jornais, revistas e secretarias estaduais de planejamento.

Obs.: A = municípios classificados com taxas de crescimento de pessoal ocupado abaixo da média brasileira, entre 1970/85, e que foram mencionados como localização para as intenções de investimento divulgadas durante 1996; B = municípios classificados com taxas de crescimento de pessoal ocupado entre a média brasileira e 25% acima desta, entre 1970/85; C = municípios classificados com taxas de crescimento de pessoal ocupado entre 25% e 50% acima da média brasileira, entre 1970/85; e D = municípios classificados com taxas de crescimento de pessoal ocupado acima de 50% da média brasileira, entre 1970/85.

termos de taxa de crescimento de pessoal ocupado, vão possivelmente continuar a ocupar sua mão-de-obra intensamente.

4. Considerações Finais

As modificações ocorridas no Brasil, após 1994, evidenciam a possibilidade de um padrão de desenvolvimento regional diferenciado em relação à trajetória constatada por Diniz (1995). O efeito combinado de ampliação do mercado interno com a melhoria do salário real, a estabilidade econômica, a redução de incertezas proporcionada pelo Plano Real e a retomada dos investimentos em infra-estrutura modificou as condições que favoreciam a reconcentração circunscrita ao Estado de São Paulo e ao grande polígono em torno dele.

O "Polígono Desenvolvido" poderá vir a ser maior do que a formulação anterior e abranger o prolongamento São Paulo-Rio de Janeiro-Vitória, anteriormente excluído. Com menor ênfase, mas também importante, foram anunciados investimentos em alguns municípios na rota da BR-101 (costeira), fazendo o prolongamento Vitória-Salvador (Aracruz, Eunápolis, Itapetinga, Ilhéus e as adjacências de Salvador).

O desenvolvimento dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Bahia e Ceará pode provocar fortes alterações na distribuição da produção e em seus eixos de comercialização. A necessidade dos investimentos em infra-estrutura fica potencializada neste novo quadro de desenvolvimento regional.

O Rio de Janeiro pode interromper o processo de desindustrialização que já vinha ocorrendo há algumas décadas e sua indústria mecânica recuperar importância no cenário nacional. O Espírito Santo continua em sua trajetória de crescimento e poderá ser beneficiado pela recuperação do Rio de Janeiro, pelo contínuo desenvolvimento de Minas Gerais e pelo desenvolvimento recente da Bahia.

Minas Gerais merece destaque especial, pela possibilidade de realizar, nos próximos anos, um crescimento desconcentrado em relação à capital, tal qual ocorreu com São Paulo nos últimos 10 anos. O Paraná também apresenta forte trajetória de crescimento em um modelo ainda concentrado em torno de Curitiba. E Santa Catarina mantém-se em sua trajetória de crescimento contínuo e desconcentrado, juntamente com investimentos importantes em infra-estrutura.

As disparidades entre alguns estados do Nordeste podem aumentar, pois os crescimentos vislumbrados para Ceará e Bahia são significativos, podendo atingir em menor escala estados adjacentes. Podem estar em curso modificações fundamentais em alguns municípios do Nordeste. Os investimentos em torno de Salvador, Recife, Fortaleza e Natal garantem que continuem em uma trajetória de absorção de mão-de-obra acima da média, mas, além disso, um novo tipo de indústria tem procurado a região, aproveitando seu potencial turístico e de mercado consumidor.

Para finalizar, outros três estudos reforçam as evidências sobre o aumento do investimento a partir do Plano Real: o MICT (1996) contemplou 710 estudos e projetos, correspondendo a US\$ 94,1 bilhões de investimentos somente para o segmento industrial; o trabalho realizado pela consultoria Simonsen & Associados (1997) totaliza US\$ 104 bilhões de intenções de investir em 1996, contra US\$ 93 bilhões em 1995 e US\$ 54 bilhões em 1994, em todos os segmentos econômicos; e pesquisa recentemente divulgada pela CNI/Cepal (1997) confirma uma significativa recuperação no volume de inversões na indústria em relação aos anos prévios à implantação do Plano Real. Das 730 empresas pesquisadas, mais da metade possui projetos de investimento, totalizando US\$ 26,3 bilhões, em várias etapas de realização.

A pesquisa da CNI/Cepal enfoca também, entre outros, o aspecto da localização do investimento e, embora limitada a empresas industriais já instaladas, conclui por uma importante realocação espacial da atividade industrial, através da instalação de plantas em unidades da Federação em que a empresa não operava anteriormente. As principais razões encontradas para a realocação estão associadas à concessão de benefícios fiscais, à proximidade de mercado, ao custo da mão-de-obra e às vantagens locacionais específicas, tais como abundância de recursos naturais, confirmando importantes alterações nas condições associadas à reversão do processo de desconcentração, observadas por Diniz (1995) no início da década de 90, principalmente no que se refere à avaliação dos novos mercados e aos investimentos em infra-estrutura.

Referências Bibliográficas

- AFONSO, R. B. A., SILVA, P. L. B. (orgs.). *Desigualdades regionais e desenvolvimento*. São Paulo: Fundap, 1995.
- CASTRO, A. B. de. *Tipos industriais regionais: novas estratégias*. Trabalho apresentado no Seminário "A Reforma do Estado e o Desenvolvimento do Nordeste na Economia Globalizada", mimeo.

CNI/CEPAL. *Investimentos na indústria brasileira – 1995/99*. Rio de Janeiro: CNI, 1997.

DINIZ, C. C. *A dinâmica regional recente da economia brasileira e suas perspectivas*. Brasília: Ipea, jun. 1995 (Texto para discussão, 375).

DINIZ, C. C., CROCCO, M. A. *O novo mapa da indústria brasileira: aglomerações industriais relevantes*. Mimeo.

HADDAD, P. R. *Os novos pólos regionais de desenvolvimento no Brasil*. VI Fórum Brasil 1995. Inae, 1994.

MICT. *Levantamento de oportunidades, intenções e decisões de investimento industrial no Brasil – 1995/2000*. SPI/MICT, 1996, mimeo.

SIMONSEN & ASSOCIADOS. *Intenções de investir anunciadas pelas empresas à imprensa*. Banco de dados, mimeo, 1997.